

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-12-10

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Farias, A. C. C. & Paio, A. (2018). OBZ em Lisboa: contribuição das plataformas informacionais e interativas para potencializar os observatórios. In *As Metrópoles e o Direito à Cidade: dilemas, desafios e esperanças*. (pp. 347-349). Rio de Janeiro : Observatório das Metrópoles.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Farias, A. C. C. & Paio, A. (2018). OBZ em Lisboa: contribuição das plataformas informacionais e interativas para potencializar os observatórios. In *As Metrópoles e o Direito à Cidade: dilemas, desafios e esperanças*. (pp. 347-349). Rio de Janeiro : Observatório das Metrópoles.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

OBZ em Lisboa: Contribuição das plataformas informacionais e interativas para potencializar os observatórios

Autor:

Ana C.C. [Farias](#); Alexandra Paio –doutorado, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa / Escola de Tecnologias e Arquitetura / Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos

Código:

RU052

Resumo:

Objetivos do trabalho:

O programa Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP), criado em 2011 pela Câmara Municipal de Lisboa, surge como forma de melhorar a qualidade de vida e a coesão sócio territorial da cidade financiando anualmente projetos de iniciativa local (Roseta, 2013). Para organizar e compartilhar informação sobre as transformações que esses projetos têm causado no território, bem como para ampliar os atuais canais de colaboração entre cidadãos, iniciativas locais, profissionais, pesquisadores e o município, pretende-se oferecer uma plataforma hibridizada nos meios físico e digital que amplie e fortaleça canais democráticos e permita acompanhar as ações do programa sobre o território da cidade.

Neste contexto, o presente trabalho objetiva analisar e classificar diversos tipos de plataformas informacionais e interativas da metrópole contemporânea. Os resultados contribuirão para o desenho do observatório para o desenvolvimento local em Lisboa, centrado no programa municipal BIP/ZIP.

Metodologia:

Esta investigação pondera a existência, na cidade contemporânea, de vários tipos de interface, ou seja, de plataformas informacionais e interativas, que favorecem a inovação e o desenvolvimento de tecnologia social (Castells, 2017; Baltazar, 2009). São exemplos: observatórios de políticas públicas e outros temas; dispositivos tecnopolíticos; ferramentas para a construção de cenários e visualização de dados; os hacklabs, fablabs, laboratórios cidadãos ou urban living labs; e os dashboards, plataformas de dados abertos e de co governança.

A partir de casos paradigmáticos de cada um desses tipos de interface, pretende-se identificar e analisar suas principais características como forma de classificar ferramentas, metodologias, práticas que contribuam para delinear o Observatório BIP/ZIP (OBZ). Em pesquisas prévias realizadas junto a agentes que atuam no programa, foi percebida a expectativa de que o futuro observatório, apoiado em tecnologias digitais, seja um instrumento facilitador de dinâmicas que precisam continuar a acontecer nos territórios. Considerando a dificuldade de parte da população no acesso e manuseio das novas tecnologias de informação e comunicação, foram referidos os aspectos lúdico e criativo da interação como forma de facilitar o uso e de estimular e captar a inteligência coletiva, orientando-a para satisfazer necessidades concretas das comunidades.

Neste sentido, a partir de bibliografia de referência, sítios eletrônicos, entrevistas e da análise de exemplos paradigmáticos organiza-se a informação coletada segundo três grandes campos que, considera-se, formam o conteúdo fundamental de uma interface: (1) dispositivos para organização da informação; (2) dispositivos para interação; e (3) agentes.

O estudo realizado contribuirá para o aprofundamento do conhecimento sobre interfaces e observatórios, na medida em que busca a contribuição de diferentes dispositivos para idealizar uma plataforma útil, principalmente, para cidadãos e iniciativas locais."

Problemas, hipóteses e principais resultados:

O BIP/ZIP é operacionalizado na cidade de Lisboa através de uma toolbox composta por: (1) Carta BIP/ZIP, mapa que define áreas prioritárias para intervenção; (2) programa anual de financiamento a projetos desenvolvidos por parcerias locais; (3) gabinetes públicos de apoio técnico e político aos projetos; e (4) redes colaborativas (DMHDL, 2017). Contudo, os atores envolvidos – promotores políticos, gestores técnicos e parceiros locais - reconhecem a insuficiência de suas ferramentas, a necessidade de avaliar impactos e de dirigir a colaboração em direção à cogovernança (Falanga, 2015). Assim, a disponibilização de um observatório enquanto interface físico-digital para a interação no sistema BIP/ZIP, poderia ampliar dispositivos de participação cidadã ativa e fortalecer a capacidade de cocriação e cogovernança, no âmbito do desenvolvimento local em Lisboa.

Partindo desta premissa, uma pesquisa prévia sobre observatórios foi realizada a partir de casos paradigmáticos identificados por palavras-chave (participação, territórios prioritários, desenvolvimento local, cidade e tecnologias digitais), quando se construiu a Taxonomia dos Observatórios <<https://kumu.io/sobreurbana/taxonomia-de-observatorios>> com o intuito de compreender a complexidades dessas plataformas, seus elementos constituintes, objetivos, ferramentas e outras particularidades. Como resultado, observou-se, dentre outros problemas, uma frequente dificuldade de interação com o público-alvo, de oferecer uma boa capacidade de resposta para tanto, de coordenação das diferentes agendas dos vários colaboradores, e uma subutilização, de um modo geral, das possibilidades trazidas pelas novas ferramentas digitais. A partir daí, passou-se a conjecturar-se uma hipótese sobre a agregação, em um observatório, de ferramentas, metodologias, linguagens típicas de outras plataformas, mais interativas, que tirassem maior proveito das tecnologias digitais, mas sem excluir a existência e ação em meio físico.

Da análise de casos paradigmáticos de diferentes tipos de plataformas observou-se possíveis contribuições de cada uma delas. Os observatórios destacam-se essencialmente pela capacidade de gerar e disponibilizar dados específicos sobre o fenômeno ou território observado, bem como pela produção de pensamento crítico relevante a stakeholders externos. As tecnopolíticas, pelo apoio a processos autônomos e capacidade de ampliação de suas ferramentas e métodos a processos oficiais. Já as ferramentas para a construção de cenários e visualização de dados inovam sobretudo na capacidade de interação e visualização de dados. Os hacklabs, fablabs, laboratórios cidadãos ou urban living labs costumam fornecer ambientes potentes para a colaboração e inovação, em proximidade com as coletividades que envolvem. Os dashboards, plataformas de dados abertos e de co governança experimentam, em diferentes medidas, maior abertura, inclusão e transparência, reclamados nos processos oficiais de gestão e planejamento das cidades.

Relevância dos resultados e principais conclusões:

A análise revela a diversidade de ferramentas e metodologias experimentadas pelas várias interfaces que informam e interagem na cidade contemporânea, podendo contribuir para que o OBZ seja um instrumento mais atraente, potente e eficaz para o desenvolvimento local em Lisboa.

A utilização criativa e inclusiva de tecnologias digitais, potencializa as funcionalidades do OBZ, especialmente na visualização interativa e em tempo real de dados e em novas formas de trabalhar e

colaborar – à distância, em rede e em simultâneo. Internet, wireless, smartphones, georreferenciamento e outros dispositivos permitem a utilização de dados comportamentais, quantitativos e qualitativos, hoje em dia mais utilizados por marcas do que por iniciativas cidadãs. Outras ferramentas permitem ainda a simulação e predição de cenários. A investigação em curso afirma o poder das TICs como forma de apoio otimizado à continuidade dos processos físicos desenrolados pelas coletividades nos territórios, em foco no OBZ.